A PATOLOGIZAÇÃO DO EXISTIR: UMA CRÍTICA GESTÁLTICA À MEDICALIZAÇÃO DA VIDA

Denise Geovana Bezerra de Amorim - FAEDI/UNIVERSIDADE CHRISTUS

Introdução: A Gestalt-terapia é uma abordagem humanista que tem sua centralidade na relação Eu-Tu, destacando o surgimento do 'Nós'. Esse 'Nós' não possui uma existência estática; ele consiste no encontro entre o Eu e o Tu em uma fronteira em constante mudança. Assim, o Gestalt-terapeuta não 'aplica' técnicas; ele utiliza a si mesmo, colocando sua habilidade profissional e experiência de vida integradas a serviço da situação clínica. Diante do exposto, questiona-se a medicalização da vida a partir de um viés da Gestalt-terapia, visto que a relação terapêutica é pautada no encontro com o outro um outro que traz consigo seus atravessamentos histórico-político-sociais (Perls, 1997). O conceito de medicalização, para Barroco et al. (2017) refere-se a um processo no qual problemas de cunho histórico e social acabam sendo compreendidos como de caráter estritamente biológico, e assim descritos, comumente, em forma de transtornos e doenças. A medicalização, ao reduzir o sofrimento a um evento biológico isolado no organismo, ignora que as afetações do sujeito são, na verdade, respostas às tensões do contexto social existente (Figueira; Caliman, 2014). Parte-se da seguinte questão problema: Quais as implicações da lógica medicalizante sobre o processo de fazer-se sujeito? Diante disso, o presente trabalho objetiva compreender a patologização da vida a partir de um viés crítico da Gestalt-terapia Metodologia: Trata-se de um estudo teórico, realizado de forma não sistemática, em que foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de buscar, na literatura, fundamentos teóricos para (re)pensar acerca do tema proposto. A busca foi realizada através de livros clássicos da abordagem e artigos científicos nas bases de dados eletrônicas Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos de Psicologia (PePsic). Nas bases de dados, foram utilizados os descritores: ``Gestalt-terapia``, ``patologização`` e ``medicalização da vida``. A partir disso, foram criados critérios de inclusão e exclusão. Quanto à análise utilizou-se técnicas de leitura (Lima; Mioto, 2007): leitura seletiva, leitura reflexiva e leitura interpretativa. Resultados e discussões: A persistência da medicalização da existência revela um fenômeno contemporâneo onde conflitos inerentes ao viver são transmutados em patologias. Nesse cenário, o diagnóstico psiquiátrico deixa de ser apenas uma categoria clínica para se tornar uma ferramenta operacional, que reduz a complexidade do sujeito a um agrupamento de "sintomas" biológicos ou comportamentais. Essa lógica, ao priorizar a classificação em detrimento da escuta, muitas vezes silencia o que o sofrimento tem a dizer sobre a vida da pessoa (Figueira; Caliman, 2014). Em contrapartida, a Gestalt-terapia propõe uma mudança de paradigma: em vez de "consertar" uma disfunção, busca-se dar sentido às experiências. Para a abordagem gestáltica, o sintoma não é um erro da natureza, mas um ajuste criativo a melhor resposta que o indivíduo conseguiu produzir diante das condições de seu campo. Na abordagem gestáltica, o profissional não se coloca como um técnico que opera sobre um objeto para extrair dele um "sintoma" indesejado. Pelo contrário, a postura clínica é a de uma via facilitadora, cujo objetivo é permitir que o sujeito dê voz e contorno aos sentidos que emergem de sua experiência vivida. O sofrimento, portanto, não é visto como uma falha interna, mas como um fenômeno (Perls; Perls, 1997). Diante disso, percebe-se a importância de um viés interseccional reside na compreensão de que o sujeito não é afetado por variáveis

isoladas, mas por uma teia de atravessamentos que definem sua posição no mundo. A medicalização da vida opera como uma tentativa de padronização que ignora as singularidades do campo organismo-ambiente. Quando problemas cotidianos são reduzidos a diagnósticos psiquiátricos, o foco clínico se desloca do sujeito para o sintoma (Figueira; Caliman, 2014). No entanto, ao adotar um viés interseccional, a Gestalt-terapia rompe com essa lógica reducionista. Conclusão: Diante do exposto, contempla-se a necessidade premente de espaços críticos que questionem o uso indiscriminado da medicalização e suas respectivas problemáticas. A Gestalt-terapia, por sua fundamentação fenomenológico-existencial, oferece o suporte teórico necessário para esse olhar crítico, pois desloca a visão do "indivíduo doente" para o "sujeito em relação" (CID/DSM).

Palavras-chaves: Gestalt-terapia. Medicalização. Patologização